



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

ADRIANA PEREIRA DE MELO

O CANGAÇO E AS MULHERES:
MARIA BONITA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

GUARABIRA-PB

2022

ADRIANA PEREIRA DE MELO

**O CANGAÇO E AS MULHERES:
MARIA BONITA ATRAVÉS DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sexualidade.

Orientadora: Dra. Dayane Nascimento Sobreira

GUARABIRA-PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528c Melo, Adriana Pereira de.
O cangaço e as mulheres [manuscrito] : Maria Bonita
através da história / Adriana Pereira de Melo. - 2022.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira ,
Departamento de História - CH."

1. Maria Bonita. 2. Cangaceira. 3. Mulheres no cangaço. I.
Título

21. ed. CDD 981.05

ADRIANA PEREIRA DE MELO

**O CANGAÇO E AS MULHERES:
MARIA BONITA ATRAVÉS DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História.

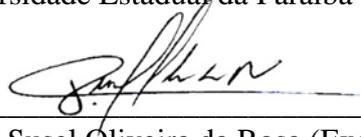
Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sexualidade.

Aprovada em: 19/07/2022

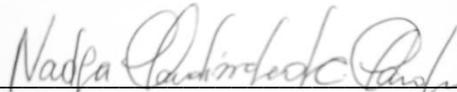
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Nadja Claudinale da Costa Claudino (Examinadora 2)
Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB)

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a Deus por, ao longo deste processo complicado e desgastante, por me ter feito ver o caminho, nos momentos em que pensei em desistir.

Agradeço à minha orientadora Dayane Nascimento Sobreira, é uma mulher maravilhosa, obrigada por tudo e por tanto.

Aos meus pais, Antônio Pedro de Melo (em memória) e Severina Pereira de Melo, a quem devo a minha vida e todas as oportunidades. Espero que um dia possa poder retribuir tudo que fizeram por mim.

Agradeço aos(às) amigos(as) que a Universidade me apresentou: Priscila Soares, Erionaldo Tomaz (Paulinho), Erica Gerônimo e Cláudio, vocês são especiais pra mim, obrigada por me aguentar em todos esses anos de muitas lutas, agonias, choros, mas também alegrias e conquistas.

E aos(às) amigos(as) que a vida me deu, que estão sempre comigo: Ewilla Karla, Natanael, Jordânia, Gilson, Leydedayane, Maria Do Carmo e Leonaldo, vocês são mais do que especiais, obrigada por tudo.

RESUMO

O Cangaço é um movimento que representa o Nordeste, seja culturalmente, seja pelo estereótipo de heroísmo associado às figuras de Lampião e de Maria Bonita. Um movimento que, em sua essência, envolvia a dominação e o poder pelo uso da violência. Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, por sua vez, representou uma figura de força e coragem dentro de um movimento que valorizava a figura do homem. Diante disso, torna-se relevante investigar o engajamento de mulheres no Cangaço através da figura de Maria Bonita, bem como refletir sobre o que era ser cangaceira nesse período. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é problematizar a respeito da inserção das mulheres no movimento cangaceiro, buscando olhar com especial atenção para a figura de Maria Bonita e as imagens que nos chegam sobre ela hoje. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico e de imagens e vídeos, que resultou no texto, ora dividido em três partes, sendo elas: um contexto histórico do que foi o movimento do cangaço e sua representatividade no Nordeste; como se deu a entrada das mulheres no cangaço, enfatizando o papel das mulheres no movimento e; a figura de Maria Bonita através dos tempos, como a mesma era vista na época e como essa percepção foi sendo alterada ao longo dos anos. Por fim, colocam-se as considerações finais, que refletem sobre o papel social da figura dessa cangaceira que se tornou famosa e representante da força feminina sertaneja. Maria Bonita foi um evento histórico, que é e vai continuar sendo apreciado.

Palavras-chave: Maria Bonita; Cangaceira; Mulheres no cangaço.

ABSTRACT

The Cangaço is a movement that represents the Northeast, either culturally or through the stereotype of heroism associated with the figures of Lampião and Maria Bonita. A movement that, in its essence, involved domination and power through the use of violence. Maria Gomes de Oliveira, Maria Bonita, in turn, represented a figure of strength and courage within a movement that valued the figure of the man. In light of this, it becomes relevant to investigate the engagement of women in the Cangaço through the figure of Maria Bonita, as well as to reflect on what it was like to be a "cangaceira" in this period. In this sense, the objective of this work is to problematize the insertion of women in the Cangaço movement, seeking to look with special attention to the figure of Maria Bonita and the images that reach us about her today. To do so, a bibliographic, image and video survey was conducted, which resulted in the text, now divided into three parts: a historical context of what was the cangaço movement and its representation in the Northeast; how women entered the cangaço, emphasizing the role of women in the movement and; the figure of Maria Bonita through the ages, how she was seen at the time and how this perception was changed over the years. Finally, the final considerations are presented, reflecting on the social role of the figure of this cangaceira who became famous and a representative of the female strength of the countryside. Maria Bonita was a historical event, which is and will continue to be appreciated.

Keywords: Maria Bonita. Cangaceira. Women in the cangaço.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Vestimenta característica dos cangaceiros | 13 |
| Figura 2 – Lampião arrumando seus apetrechos | 14 |
| Figura 3 – Maria Bonita e o bando de Lampião | 17 |
| Figura 4 – As cangaceiras Nenê, Maria Jovina e Durvinha | 18 |
| Figura 5 – Maria Bonita com suas vestes de cangaceira | 22 |
| Figura 6 – Maria Bonita, a Rainha do cangaço em trajes de festa | 23 |
| Figura 7 – Casal que representou Maria Bonita e Lampião na minissérie da Globo | 24 |
| Figura 8 – Criança fantasiada de Maria Bonita | 24 |
| Figura 9 – Lembrancinha de Maria bonita feita em Biscuit | 25 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | CONTEXTO HISTÓRICO | 12 |
| 3 | MULHERES NO CANGAÇO | 16 |
| 4 | MARIA BONITA ATRAVÉS DOS TEMPOS | 21 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| | REFERÊNCIAS | 28 |

1 INTRODUÇÃO

O Cangaço é um movimento que representa o Nordeste, seja culturalmente, seja pelo estereótipo de heroísmo associado às figuras de Lampião e de Maria Bonita. Esse nome lhe foi dado pelo modo de ação e pelas vestimentas, relacionando a ideia do bandido que se esconde por debaixo da manga, com suas armas sobre o corpo, e a ação de atacar em bando, respondendo apenas a ele. O Cangaço ainda é dividido em três formas básicas, de acordo com Frederico Pernambucano de Mello (2011), sendo elas: o cangaço de meia vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio, em que a primeira forma remete ao sentido de profissionalismo, representado pela figura de Lampião. A segunda forma, o de vingança, tinha como maior objetivo vingar-se de quem o havia prejudicado por qualquer causa, ficando conhecido como “cangaço nobre”. No terceiro tipo, cangaço-refúgio, era aquele no qual as pessoas que estavam em fuga ou fora da lei buscavam para se esconder (MELLO, 2011). De acordo com Paiva (2004), quando os jagunços começaram a operar livremente e a formar bandos sob uma liderança rigorosa, muitas vezes a serviço de fazendeiros e políticos que lhes compravam seguranças ou solicitavam expedições de escravos fugitivos, o cangaço marcava uma progressão em seu comportamento.

Apesar de uma figura nordestina representativa, Lampião foi apenas um dos cangaceiros em destaque dentro do movimento do Cangaço. Um movimento que, em sua essência, envolvia a dominação e o poder pelo uso da violência. Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, por sua vez, representou uma figura de força e coragem feminina dentro de um movimento que valorizava a figura do homem (CLAUDINO, 2017). Negreiros (2018) afirma, ainda, que Maria Bonita é, sem dúvidas, a mulher com maior importância nesse movimento, sendo representada em inúmeras lendas, por escritores e poetas, que passaram a destinar o dia 08 de março como o dia do seu nascimento.

A personagem (pois construída), que deriva da história de vida de uma mulher que lutou ao lado de seu amor, traz muito mais do que uma história de amor, traz representatividade, respeito e a ideia de que as mulheres podem escolher seus caminhos, à maneira que acharem que devem. Quando um bandido se apaixonava e queria ficar perto de sua amante, costumava deixá-la em algum lugar seguro e visitá-la de vez em quando (DÓRIA, 1981). Com Maria Bonita se juntando ao bando de Lampião em 1930, essa realidade mudou. Importa dizer que Maria Bonita não foi, contudo, a única mulher a entrar no Cangaço. Existiram outras, como Sérgia da Silva, ou Dadá, como ficou mais conhecida.

Apesar da beleza e da importância dessa “revolução”, optar por essa vida trazia consequências, viver nas matas secas e selvagens do semiárido, escondidas e alertas; dar à luz nas moitas e esconder os restos dos partos sob o solo empoeirado e escaldante; viver sem luxos, poucas condições de higiene ou segurança futura. Os perigos não se limitavam ao potencial abuso conjugal, mas também incluíam a violência gratuita com que eram tratados quando apreendidos pelos “volantes”, os caçadores de cangaceiros. Métodos sádicos como estupros, espancamentos, torturas, mutilações e assassinatos com requintes de brutalidade eram rotineiramente utilizados pelos “macacos”¹ contra eles e elas, que tinham experiência direta com a miséria do Cangaço (FREITAS, 2005).

Diante dessa perspectiva, torna-se relevante investigar o engajamento de mulheres no Cangaço através da figura de Maria Bonita, bem como refletir sobre o que era ser cangaceira nesse período. Assim, *o objetivo desse trabalho é problematizar a respeito da inserção das mulheres no movimento cangaceiro, buscando olhar com especial atenção para a figura de Maria Bonita e as imagens que nos chegam sobre ela hoje.*

A base metodológica do projeto foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Realizamos uma breve apreciação das questões históricas a partir de uma sistematização teórica. A priori foi realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos sobre a temática, com ênfase em trabalhos que discutem a relação mulher e Cangaço e que nos ajudam a pensar acerca do próprio movimento cangaceiro. Em um segundo momento, realizamos uma busca de fotografias e músicas que nos ajudassem a problematizar a figura de Maria Bonita (algumas das quais nos chegam reelaboradas) do século passado ao nos dias atuais, não com a intenção de esgotar o tema, mas, para tanto, trazer uma relação do passado com o presente na tentativa de refletir acerca dessas imagens envoltas ainda hoje por certa fantasia.

O trabalho está dividido em três partes, em que serão apresentados, respectivamente, o contexto histórico do cangaço, uma discussão sobre a entrada das mulheres no movimento, e um debate sobre a figura de Maria Bonita através dos tempos, seguidas das considerações finais.

¹ Termo usado pelos cangaceiros como alcunha de soldado de polícia (e, por extensão, de militares).

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Santos (2018) defende que o cangaço foi um movimento social armado que aconteceu no Nordeste do Brasil que foi alimentado por questões políticas, disputas de terras e uma guerra por honra. A ociosidade do governo brasileiro diante da pobreza e da desigualdade social que afligiu o povo desta região entre o final do Segundo Império e a década de 1930, bem como o isolamento da região e a falta de comunicação com outras partes do país, foram os catalisadores para este movimento.

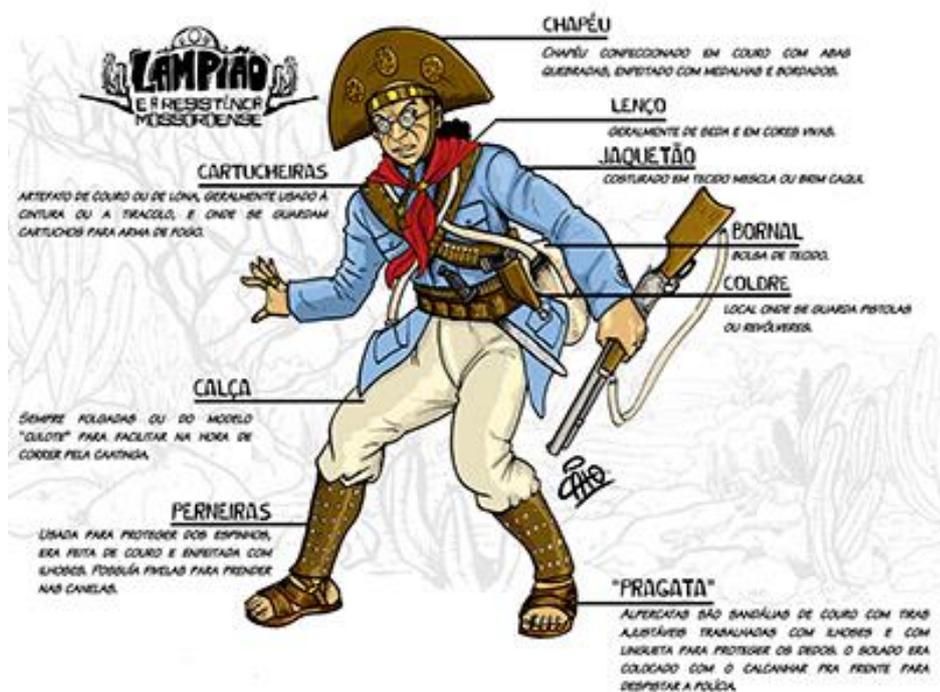
As circunstâncias de servidão e falta de melhores meios de sobrevivência levaram à criação de muitos movimentos populares, ora sozinhos, ora coletivos, em diversas áreas. Foi exacerbado pelo clima semiárido, que deu origem a diversos movimentos populares, sendo o mais notável o cangaço, que não é apenas um movimento ligado a questões sociais, mas também a questões culturais que surgiram em decorrência da apropriação de áreas do sertão nordestino. O cangaço é definido pela imagem de homens corajosos e ousados, frutos de uma cultura rural que deu origem ao conceito de “cabra macho”, que por sua vez corrobora o código moral de honra pátria (COSTA, 2021).

A origem do termo não é bem definida na história, o nome “canga” originou-se de um pedaço de madeira usado para amarrar bois a uma carroça. Essa noção leva em consideração o peso carregado pelo cangaceiro, que aos poucos passa a ter uma conotação negativa, acabando por se tornar sinônimo de “bandido” para alguns, ou “valentes, vigilantes e protetores dos pobres” para outros (IOKOI, 2015, p. 07). Já Macêdo (2014) acredita que:

[...] a terminologia “cangaço” surgiu do hábito de os antigos bandoleiros se sobrecarregarem de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os ombros, à feição de uma canga de jungir bois, por isso dizer que estes indivíduos andavam debaixo do cangaço, isto é, de uma canga metálica, feita de aço. Daí a expressão usada por Euclides, em “Os Sertões”, ao dizer que alguns indivíduos: “vinham debaixo do cangaço” (MACÊDO, 2014, s/p).

Na Figura 1, abaixo, pode-se observar uma fotografia que mostra o perfil de vestimenta que compôs a definição do cangaço, configurando uma estética própria (MELLO, 2015):

Figura 1– Vestimenta característica dos cangaceiros



Fonte: Lima (2020)

As famílias do Nordeste eram mantidas cativas por alguma ordem, fosse dos coronéis ou da Igreja. O mandonismo, particularmente no Nordeste, resultou no surgimento de movimentos que sempre estiveram ligados a um líder ao longo dos tempos. O povo nordestino era comandado pelos líderes, que em geral os aprisionavam sob suas instruções ou princípios. Como forma de garantir sua sobrevivência, as famílias eram frequentemente reunidas sob a "proteção" de coronéis ou líderes religiosos (COSTA, 2021).

O cangaço foi definido como endêmico e epidêmico, sendo endêmico antes de 1890, pois surgiam periodicamente bandos armados e muitos deles estavam sob as instruções de um coronel específico. Durante as primeiras décadas do século XX, com o surgimento de bandos independentes no sertão nordestino entre as décadas de 1890 e 1940, liderados por líderes como Antônio Silvino, Sinhô Pereira e Lampião, apelido de Virgulino Ferreira da Silva, considerados alguns dos maiores nomes do cangaço, o cangaço atingiu seu auge de existência com o cangaço lampiônico.

Nesse período, Lampião foi a figura principal (Figura 2), assim como Maria Bonita. Foi um período marcante na história do Nordeste, sendo considerado o fenômeno social mais pesquisado no Brasil após a chegada do cangaceiro Lampião (MELLO, 2011). Em 1927, ocorreu um dos períodos mais marcantes do cangaço, quando Lampião e seus homens, com outros vários grupos de cangaceiros tentaram render a cidade de Mossoró, no Rio Grande do

Norte. Como esse, outros ataques foram elaborados pelos cangaceiros, que passaram por um processo de transformação dentro do movimento, mudando suas prioridades.

Figura 2 – Lampião arrumando seus apetrechos



Fonte: Brasiliana Fotográfica (2022)

O movimento que teve início como uma oportunidade de ter justiça frente às desigualdades que assolavam a região, teve as práticas de humilhação e dominação transferidas para as figuras dos coronéis, que contratavam jagunços para proteger suas terras, tornando o cangaço um movimento cooptado pelo coronelismo. Os cangaceiros achavam nos fazendeiros (ou coiteiros) o abrigo e cobertura necessários para escapar das autoridades, buscando sua ajuda para os momentos em que estavam feridos, fragilizados e fugindo das tropas volantes (PAIZANTE, 1999). A figura de justiça e fora da lei vem dos contratos para proteger as terras de invasões e caracteriza a forma do cangaço:

[...] por outro lado, os coronéis também se beneficiavam com as alianças que estabeleciam com os cangaceiros, que em troca do acoitamento se colocavam a serviço do potentado, agindo como uma espécie de milícia. Os latifundiários se valiam dos cangaceiros para empreender ações cujo objetivo era a disciplinarização de seus agregados e a intimidação de seus inimigos políticos. Sob esta perspectiva, os cangaceiros tinham a função de mantenedores da ordem social vigente, garantindo o controle do coronel sobre a população pobre. E a partir disso, nota-se que o cangaceirismo não se tratava de uma forma de contestação das estruturas sociais baseadas no latifúndio, mas fazia parte desse sistema, era mais um instrumento de afirmação do poder do coronelato e de dominação (PAIZANTE, 1999, p. 42).

A figura de justiceiro, nesse caso, não é compartilhada por todos que estudam e vivenciaram o cangaço. Hobsbawm (1981) realizou uma análise sobre o banditismo social,

retratando os cangaceiros como vingadores, em que onde quer que a agricultura (incluindo economias pastoris) seja praticada, o banditismo social é predominante, com camponeses e trabalhadores sem-terra sendo governados, oprimidos e explorados por outros, como senhores, cidades, governos, advogados e até bancos. Ele pode ser encontrado em uma das três formas: o ladrão nobre ou Robin Hood, o lutador da resistência primitiva ou força de guerrilha conhecida como Haiduks, e talvez o vingador indutor de terror (HOBBSAWM, 1981).

Nesse sentido, o conceito de banditismo social de Hobsbawm, como supracitado, carece dos ingredientes fundamentais para pensar o movimento do cangaço. O material ficcional de romances e panfletos de cordel serviu como fonte de informação do autor. Seguindo o retrato clássico do bandido social, Hobsbawm não investiga sistematicamente a natureza dos dados que analisa (LINS, 1998). Os cordéis e romances trataram da realidade, mas não transmitiam totalmente a verdade das circunstâncias, e havia muito mais um conto romantizado e heroico que as pessoas gostavam de ouvir como diversão, principalmente, em lugares de experiência comunitária como feiras. O cordel não possuía o intuito de oferecer essas verdades, pois trata-se muito mais de uma visão poética e uma forma de comunicação com o povo sertanejo, com uma linguagem mais acessível à compreensão de todos (FONSECA, 2019).

Assim, Lampião e seu bando se associaram aos mais poderosos coronéis da época: “[...] a relação cangaceiro-coronel mostrava-se vantajosa para as duas partes: ganhavam os bandoleiros, que obtinham quartéis e asilos na caatinga e ganhavam os proprietários, que se fortaleciam e engrossavam o prestígio com esse negócio temeroso” (RAMOS, 1962, p. 126). Lampião e sua companheira Maria Bonita, como era chamada Maria Deá de Oliveira, e outros nove cangaceiros foram mortos em Angicos, Alagoas, em 28 de julho de 1938, em confronto com as tropas voadoras comandadas pelo tenente Bezerra. Corisco foi abatido em confronto com a polícia dois anos depois, em 1940, por Christino Gomes da Silva Cleto, o fiel de Lampião, que queria vingar seu assassinato por traição. Sua mulher Dadá, também conhecida como Sérgia Ribeiro da Silva, foi baleada e perdeu uma perna no incidente. O cangaço tinha chegado ao fim. O presidente Getúlio Vargas concedeu anistia aos cangaceiros que se renderam ou fugiram para regiões vizinhas ainda vivos (WIESEBRON, 1996).

3 MULHERES NO CANGAÇO

*Sou do ôco do mundo, tenho três irmãs. Uma sou eu, a
outra é parecida comigo e a outra sou eu mesma
(Inacinha)*

A entrada das mulheres no cangaço foi tardia devido à visão de fragilidade e crenças religiosas que indicavam que a mulher traria má sorte, ou amoleceria os homens com o sexo, enfraquecendo-os e deixando inaptos para a luta. Como Claudino (2017) traz em sua análise, o ato de se relacionar com uma mulher antes de uma luta deixaria os homens menos violentos, desprotegendo-os de todas as rezas fortes² que eram realizadas para garantir seu bem-estar nas empreitadas. O próprio Lampião, antes de relacionar-se com Maria Bonita, possuía diversas proibições em relação ao sexo (GRUNSPAN-JASMIN, 2006).

Em 1930, as mulheres se engajaram no movimento do cangaço. Mulheres negras, mestiças e sertanejas eram as “cangaceiras”. A entrada das mulheres tem início com Maria Bonita, que alavancou a entrada de outras mulheres no mundo do cangaço a partir da década de 1930.

[...] a filha de Zé de Felipe passaria a viver maritalmente com Lampião. Assim, nos primeiros meses de 1930, Maria Gomes de Oliveira se tornaria a primeira cangaceira da história do Brasil. Antes dela, nunca, em momento algum, uma mulher, acompanhara o grupo de bandoleiros. Muitos tinham suas companheiras, mas não permitiam que os seguissem (NEGREIROS, 2018, p. 27).

Na fotografia (Figura 3), pode-se observar Maria Bonita ao lado do bando de Lampião:

² Os cangaceiros eram muito ligados a rituais de rezas, como orações que os protegiam do perigo, em que os mesmos sempre as carregavam em seus bolsos para que escapassem das situações de aflição. No filme brasileiro “O Auto da Compadecida” (2000), a representação da religiosidade dos cangaceiros é bem colocada em diversas cenas, como quando os personagens cedem ao pedido de oração antes de realizar uma execução, ou seu respeito às figuras do padre e do bispo, assim como às figuras de Nossa Senhora e Jesus, representados no longa-metragem.

Figura 3– Maria Bonita e o bando de Lampião



Fonte: Brasileira Fotográfica (2022)

De acordo com alguns depoimentos de sobreviventes do movimento, há duas possíveis razões para as pessoas recorrerem ao banditismo: o voluntário, que é tipicamente motivado pela paixão por um bandido ou pela chance de ascensão social, fuga do trabalho rural, a exemplo de Maria Bonita; e rapto, que é o resultado de uma ação violenta, a exemplo de Dadá (LIMA, 2017).

No primeiro caso, as mulheres se viam na função de suporte para sustentar seus maridos e passar pela vida e pela morte juntos. Dentre as mulheres no cangaço, podemos citar as mais famosas Maria Bonita e Dadá, assim como Sila, Durvinha, Maria Juvina, Neném (Figura 4), Quitéria, Áurea, Bídio, Mariquinha, Sebastiana, Otília, Enedina, dentre outras. Ao que sabemos, Maria Bonita, Inacinha, Cristina e Dulce aderiram voluntariamente à vida do cangaço, enquanto Dada, Sila e Lídia, o fizeram sob coação ou na tentativa de manter seus cônjuges seguros, como aconteceu com Enedina (FREITAS, 2005).

Figura 4 – As cangaceiras Nenê, Maria Jovina e Durvinha



Fonte: Brasiliana Fotográfica (2022)

As cangaceiras, em sua maioria, buscavam a liberdade, de “dançar e pintar os beijos”, como nos trazem alguns relatos. Certamente diferente da nossa compreensão moderna de liberdade, é o conceito desta no cangaço. Como se tratava de ações simples, proibidas pelos ideais dos bons costumes, em que se esperava que as mulheres fossem boas donas de casa, subservientes aos maridos e as mulheres "pintadas" e "divertidas", considerava-se imoral o fato dessas poderem usar um vestido um pouco mais curto e dançar, esses "sinais de liberdade" (SANTOS; COSTA, 2021).

Como Claudino (2017) bem coloca em sua análise, as mulheres não costumam aparecer na história como protagonistas, sendo sempre associadas a uma parte da história de homens poderosos, como amantes, sedutoras, que atraem ou acalmam seus homens por meio do seu poder de persuasão ligado à sexualidade. A autora ainda coloca essa visão desde o início da formulação de mundo, em que Deus, figura masculina, cria Adão à sua semelhança, reforçando o protagonismo masculino na história.

O protagonismo masculino também está associado aos sentidos de força e domínio, que estão interligados à violência em seu cerne, em que a violência era um traço associado ao gênero

masculino e frequentemente visto como um sinal de bravura e poder. Como afirma Santana (2019, p. 175), “na Paraíba nas décadas de 1920 a 1940, conceitos como força, domínio, poder e violência eram comuns ao acompanhar as discussões políticas e também de gênero”.

Nesse sentido, pode-se incitar a questão do rapto como forma de demonstração do poder do cangaço dentro da comunidade nordestina, o qual estava associado diretamente ao estupro, pois como a mulher não tinha controle sobre o próprio corpo, sequestrar significava tomar posse, roubar ou apropriar-se do corpo da mulher. Estupro significava uma afronta ao cônjuge, pai ou responsável, e não diretamente à moça, sendo utilizado como forma de atingir os inimigos. Assim, coloca-se que

Sequestro e estupro se confundem nas definições. A de Bouchel, em 1671, “quando as virgens donzelas ou viúvas são por força violadas ou levadas é propriamente chamado *raptus*”. A de Gay de Rousseau de La Combe em 1760, ‘Segundo a disposição do direito, eles são chamados raptus e são combinados na fixação das penas’. Mesma palavra rapto, no conjunto dos costumes antigos, ‘raptos de mulheres não publicas serão punidas de morte’. Enfim, mesma palavra nos índices dos tratados de ‘matéria criminal’, para qualificar conjuntamente atos de seqüestro e atos de estupro (VIGARELLO, 1998, p. 53).

No documentário “Feminino cangaço”, dirigido por Lucas Viana e Manoel Neto, de 2013, a historiadora Cecília Soares desponta a questão do rapto consentido, como uma forma de definir alguns casos de rapto em que as mulheres estariam utilizando dessa “oportunidade” para fugir de compromissos que não lhe agradavam, como casamentos arranjados e uma família opressora, rompendo com papéis que lhe eram impostos obrigatoriamente, de religiosidade ou de cuidar de membros da família como escravas. A opressão sofrida quanto à forma de viver e à falta de liberdade levava essas mulheres a buscarem uma via de escapar dessa realidade, e viram no cangaço essa chance.

O rapto consentido, nesse caso, configura-se como afirma Santana (2019, p. 176):

O rapto consentido como o próprio nome afirma, não era realizado contra a vontade de um dos envolvidos, era combinado previamente e o mais comum era o homem raptar a jovem, no entanto, isso não significa que ela não tinha participação ativa, pelo contrário, muitas vezes, eram elas que planejavam toda a fuga (SANTANA, 2019, p. 176).

Filhas de coronéis, mulheres bonitas e com um futuro idealizado para ser perfeito, como era o caso de Durvinha, que entrou no cangaço por amor, entraram nesse movimento em busca de uma mudança de vida. Não foram poucas as mulheres que entraram para esse movimento, sendo que mais de 60 mulheres estavam nesse grupo e, em sua maioria, constituía-se de

mulheres que já não eram tão aceitas na sociedade e não tinham outra opção, como traz o historiador Luiz Rubem Bonfim (2013), no documentário supracitado.

Ser cangaceira significava optar pela clandestinidade violenta, vivendo escondidas, camufladas e de guarda no meio das matas secas e indomáveis do semiárido, sem confortos nem instalações higiênicas, e sem garantia de segurança futura. Dando à luz nos emaranhados e enterrando os resquícios do ocorrido na terra árida. A brutalidade com que eram tratadas, quando capturadas pelos "volantes", era tão desumana quanto a crueldade a que estavam dispostas no dia a dia vivendo essa vida ao lado dos "heróis". Essas mulheres, que experimentaram o sofrimento em primeira mão, foram frequentemente submetidas a estupros, espancamentos, torturas, mutilações e assassinatos pelos "macacos" (FREITAS, 2005).

4 MARIA BONITA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Antes de ingressar no grupo de Lampião, Maria Gomes de Oliveira também era conhecida como Maria Déa; posteriormente, próximo ao período da dissolução do cangaço, adquiriu a alcunha de Maria Bonita. Foi casada com José Miguel da Silva, também conhecido como Zé de Neném, seu primo. A união deles era costumeira para a época e se caracterizava pelos repetidos casos extraconjugais de José, que eram esperados e vistos com bons olhos. Segundo Negreiros (2018), esses acontecimentos foram alvo de tensos debates, mas Maria, no esforço de se afastar de situações contenciosas, refugiou-se na casa dos pais, onde permaneceu por dias antes de retornar à companhia das irmãs. Para resumir as atividades de “solteira”: bordar lenços, conversar ao luar e ir a festas que alegravam a vida nos sertões.

As ações de Maria Déa levaram a comentários como: “por mais que tenha sido traída, não fazia por onde ser uma boa esposa” (NEGREIROS, 2018, p. 22). Em outras palavras, uma mulher casada comemorando sozinha era considerada mais do que apenas “justificativa” para infidelidade e até violência do parceiro. Essa situação levava Maria Déa a visitar a casa de seus pais com frequência, o que lhe atribuía uma fama de má esposa, justificando, ainda, as traições do marido (NEGREIROS, 2018).

Em uma dessas visitas, ela teve seu primeiro encontro com Lampião, pois sua família era coiteira. Como já mencionado, os sertanejos conhecidos como coiteiros ajudavam os bandidos fornecendo comida, hospedagem e outras comodidades em troca de dinheiro (NEGREIROS, 2018). Pequenos agricultores compunham a maioria das famílias coiteiras, fato que aparece até em versos de cordel. Por exemplo, Gonçalo Ferreira da Silva escreve em *Maria Bonita – A Eleita do Rei*:

Maria Bonita filha
De pequeno fazendeiro
Nunca soube o que foi falta
De mantimento e dinheiro
Só mudaria de vida
Por um amor verdadeiro
(SILVA, 2000, p. 05).

Nesse verso, vemos que Maria Bonita é retratada como uma donzela apaixonada que largou toda uma vida de conforto para viver uma realidade totalmente distinta ao lado de Lampião, o seu amado. Além disso, a retratação dos fazendeiros como coiteiros se preserva, o que está aliado, também, à aproximação desses cangaceiros com as donzelas. Maria Bonita, não

obstante, foi representada como a responsável por cuidar de Lampião e seu bando, realizando tarefas como cuidar do “lar” e do bem-estar do seu marido que estava em fuga da polícia. A cantiga, depois marchinha, “Acorda Maria Bonita”, de composição de Antônio dos Santos, cangaceiro Volta Seca, e gravada em 1967, traz em seus versos:

Acorda, Maria Bonita
Levanta, vai fazer o café
Que o dia já vem raiando
E a polícia já está de pé

[...]

Se eu soubesse que chorando
Empato a tua viagem
Meus olhos eram dois rios
Que não te davam passagem

Cabelos pretos anelados
Olhos castanhos delicados
Quem não ama a cor morena
Morre cego e não vê nada

[...]

Na cantiga podemos observar representação da fragilidade feminina, em que o “choro” pode ser utilizado como uma forma de impedir a viagem da mesma. A figura física de Maria Bonita ainda é descrita como uma beleza que encanta pela cor morena, seus olhos castanhos delicados e seus cabelos pretos, o que também pode ser observado na fotografia abaixo (Figura 5), que, como outras, foi feita por Benjamin Abrahão Botto, fotógrafo libânes que foi responsável pelo registro iconográfico do cangaço e do bando de Lampião.

Figura 5 – Maria Bonita com suas vestes de cangaceira



Fonte: Brasileira Fotográfica (2022)

Adriana Negreiros, em biografia de Maria Bonita, publicada em 2018, retrata momentos da história com o resgate de imagens capturadas pelo fotógrafo Benjamin Abrahão, como a fotografia a seguir (Figura 6), que mostra Maria Bonita em trajes de festa: cabelos ao estilo das melindrosas, dedos tomados por anéis e uma profusão de colares no pescoço.

Figura 6 – Maria Bonita, a Rainha do cangaço em trajes de festa



Fonte: Brasiliana Fotográfica (2022)

As mulheres no cangaço desempenharam um papel crucial, não estando presentes apenas para ajudar nas tarefas domésticas, como alegavam alguns cordelistas, pois os próprios bandidos faziam, essas mulheres deram uma pequena, mas significativa, contribuição para o declínio do comportamento violento da quadrilha.

A ex-cangaceira Adíla disse em entrevista para o documentário “Feminino Cangaço” (2013) que interferiria em casos de morte de “inocentes” e fazia súplicas pela vida da vítima. Portanto, os bandidos tentaram se abster de agir violentamente na frente de seus companheiros. Além disso, os bandidos evitavam excursões adúlteras enquanto estavam acompanhados de suas esposas, o que ajudava a reduzir a frequência de estupros (NEGREIROS, 2018).

A história de Maria Bonita e Lampião ainda virou uma minissérie da Globo com oito capítulos, protagonizada pelos atores Nelson Xavier e Tânia Alves (Figura 7), que estreou em 1982. A minissérie ganhou diversos prêmios e contou a história dos últimos seis meses de vida de Lampião e Maria Bonita (AQUINO, 2022). Além dessa minissérie, uma novela “Guerreiros

do Sol” será lançada no Globoplay, como uma adaptação da história de amor desses dois, e tem previsão para ser lançada na plataforma de *streaming* em 2024.

Figura 7 – Casal que representou Maria Bonita e Lampião na minissérie da Globo



Fonte: Reprodução/TV Globo (2022)

Além de ser referência e inspiração para cantigas, poemas e versos, Maria Bonita segue sendo representada por suas vestimentas, por exemplo, em que pode-se encontrar facilmente mulheres caracterizadas com essas vestimentas, como fantasia, que traz uma visão mais delicada e romântica da figura de Maria Bonita, como pode ser visto na figura abaixo (Figura 8), em que uma criança usa uma fantasia da mesma:

Figura 8– Criança fantasiada de Maria Bonita



Fonte: Revista Outdoor Regional (2021)

Destarte, além de fantasias, outros artigos como lembrancinhas turísticas (Figura 9), além de filmes/séries, quadrilhas, cordéis e músicas trazem essa representação positiva de Maria Bonita, pois houve uma construção histórica de um ideal de força e representatividade da mulher nordestina sobre a figura de Maria Bonita. Na figura abaixo, a cangaceira Maria Bonita é esculpida em biscuit, lembrancinha comercializada em vários pontos turísticos do Nordeste, principalmente no eixo Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, mas também na Internet.

Figura 9 – Lembrancinha de Maria bonita feita em Biscuit



Fonte: Shopee (2022)

Representação que também pode ser observada na canção da Mc Tha, “Maria Bonita”, lançada em 2020, que dá outro tom à cantiga citação anteriormente e traz:

Com o cangaço
 No meio do mundo
 Uma Maria resolveu morar
 Largou casa, família, costumes
 Largou Santo e benção no altar
 Largou renda por peso de ferro
 Foi Maria pra depois Bonita

No amor ou na guerra
 Acorda Maria Bonita
 No amor ou na guerra
 Acorda Maria Bonita
 Vai pra janela

Não se deite na trilha dos gados
 Não se deite no chão
 Não se prenda na mesa
 Não se prenda a avareza

Não pro mundo cão

Subverta o resto de tudo
 Viva ou não por um triz
 Com o punhal na mão
 Malícia no coração
 Seja mais que feliz

A história de Maria Bonita, nessa versão, é contada como uma belíssima história de amor que conferiu à mesma a liberdade de ser quem é independente de estar “no amor ou na guerra” ou da violência realizada pelas suas ações, o importante é que esta esteja feliz. Atualmente, é aceitável que uma mulher faça essas escolhas, de deixar o marido, de seguir suas vontades, no entanto, isso não era bem visto na época, o que causava essas diferenças de opiniões já apontadas neste trabalho.

Asism, o nascimento de Maria Bonita, a figura mítica e contenciosa que é descrita em contos e cantos de cordel e cujas aventuras são transmitidas oralmente pelo sertão nordestino, onde os sertanejos ora a veem como heroína, ora como vilã, ocorre em um cenário violento, banhado em sangue, suor e lágrimas.

Os veículos de mídia da época, em sua maioria guiados por policiais e soldados, referenciam as mulheres no Cangaço de forma distorcida, como na notícia publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, que traz uma representação: “[...] composto de 23 pessoas: ‘Lampeão’, 19 caibras e 3 mulheres – 3 *verdadeiras megéras*; todos fardados de brim kaki, bem montados, armados de fuzil e rifle, trazendo farta munição. Conduziam também, punhais e revólveres à cinta” (O Estado de S. Paulo, 1933, p. 04) (grifo nosso).

As mulheres eram colocadas como vilãs, recebendo adjetivos odiosos, como se fossem as únicas representantes da violência que, na verdade, era liderada por uma quantidade consideravelmente maior de representantes masculinos, esteriótipo e fantasia sobre o feminino que parecem atravessar os tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cangaço foi, sem dúvidas, um movimento que marcou a história do Nordeste e do Brasil, sendo discutido e referenciado em estudos até hoje, estudos esses que buscam extrair todas as particularidades e transformações sociais que o movimento proporcionou daquela época até hoje. O movimento configurou um marco nas lutas sociais e na forma como as mesmas são feitas, assim como outros aspectos, como a entrada das mulheres no movimento e o que isso representou para a figura da mulher na sociedade.

Diante disso, pensando na perspectiva dessa figura da mulher, esse trabalho se dispôs a discutir sobre o papel de Maria Bonita em questões sociais que envolviam a figura da mulher na época, pois, como bem colocado em documentários e discussões, as mulheres possuíam um papel pré-estabelecido de cuidar da família e da casa, casar-se e comportar-se de tal maneira que agradasse sempre a uma figura masculina, seja ela a figura do pai ou do cônjuge. Portanto, com a entrada das mulheres no cangaço, houve uma ruptura, mesmo que de uma forma não muito agradável, mas que mostrou que as mulheres têm o poder e o direito de estar onde elas quiserem.

Apesar de ser sabido que as condições de vida dessas mulheres não eram as melhores, pelos abusos e maus tratos sofridos dentro dos bandos, o que perpetuou da história e perpetua-se até hoje é a figura de uma mulher guerreira, apaixonada, que lutou até o fim pelas suas vontades e desejos, desejo de liberdade e amor pelo seu cônjuge. A partir da análise de algumas representações de Maria Bonita, seja ela uma música ou uma fantasia, vê-se que há hoje uma relação de apreciação positiva da sua imagem, enquanto mulher guerreira.

Não finalizamos esse trabalho com um ponto final, mas queremos que essa breve discussão traga à tona alguns olhares mais analíticos para a história e representatividade da figura de Maria Bonita em uma perspectiva de lutas do gênero feminino dentro da sociedade, uma sociedade que ainda hoje possui um machismo enraizado quando se refere ao lugar que a mulher pode ou não ocupar.

Como perspectiva, uma análise documental mais detalhada de materiais produzidos ao longo dos anos sobre Maria Bonita trará uma visão mais ampla de seu papel social e das transformações que a sua rebeldia trouxe para a população feminina brasileira e, principalmente, nordestina.

REFERÊNCIAS

ACORDA MARIA BONITA. 1957. Compositor: Antônio dos Santos. Intérprete: Volta Seca Álbum: “As Cantigas de Lampião”.

AQUINO, R. História de Lampião e Maria Bonita vira novela da Globoplay. **Portal O Povo**, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2022/06/01/historia-de-lampiao-e-maria-bonita-vira-novela-da-globoplay.html>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. As escritas de uma vida: discursos sobre a cangaceira Maria Bonita (1930-1938). 2017. **Dissertação** (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2017. 153f.

COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 41, n. 01, 2021.

DÓRIA, C. A. **O cangaço**. Série Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1981. Estado de S. Paulo, 20/07/1933.

FEMININO Cangaço. Direção: Lucas Viana, Manuel Neto. Salvador: Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2013. Documentário (75 min).

FONSECA, Maria Gislene Carvalho et al. **Novelo de verso**: fios de memória, tradição e performance tecendo a poesia de cordel. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. 229f.

FREITAS, A. P. S. de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940). 2005. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940). **Dissertação de Mestrado**. São Paulo: UNESP, 2005.

GRUNSPAN-JASMIN, Elise. **Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. Edusp, 2006.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

IOKOI, Z. (Org.). **Cangaço: Insurgentes do Nordeste Origens no Século XIX**. FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. 43f. Disponível em: <https://pdfslide.net/documents/cangaco-insurgentes-do-nordeste-origens-no-seculo-xix.html?page=1>. Acesso em: 23 jun. 2022.

JORNAL O Estado de S. Paulo. O Estado De S. Paulo: Páginas da edição de 29 de Julho de 1933 - Pag. 4. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19330729-19557-nac-0004-999-4-not>. Acesso em: 23 jun. 2022.

LIMA, C. A. As mulheres no cangaço! Olhares e narrativas do feminino no cinema documentário. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

LIMA, C. Lampião e a Resistência Mossoroense – Vestimentas. **Behance**, 2020. [Galeira de imagens]. Disponível em: https://www.behance.net/gallery/100810521/Lampiao-e-a-Resistencia-Mossoroense-Vestimentas?tracking_source=search_projects%7Cvestimentas. Acesso em: 23 jun. 2022.

LINS, D. Cartografia do bandido social: o caso e a necessidade. **Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n.1/2, p 169-179, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/42585/99614>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MACÊDO. H. F. **Origem da Palavra Cangaço**. Dez. 2014. Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com.br/2014/12/palavra-cangaco-macedo-lingua.html>. Acessado em: 03 dez. 2017.

MELLO, F. P. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

MELLO, F. P. **Estrelas de couro: a estética do cangaço**. 3. ed. Maceió: Escrituras, 2015.
 NEGREIROS, A. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PAIZANTE, Francisco Fausto de. **História de Mossoró**. Natal: Ed. Universitária, 1999.

PERICÁS, L. B. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. São Paulo, Martins Editora, 1962, p. 126.

REVISTA OUTDOOR Regional. **Sophia Maria Soares veste fantasia Maria Bonita (Sulamericana fantasias)**. 2021. Disponível em: <https://m.facebook.com/OutdoorRegional/photos/a.136975016360570/4342479599143403/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SANTANA, Rosemere Olimpio. A violência nas relações de gênero através dos casos de raptos consentidos na Paraíba nas décadas de 1920-1930. **História e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 184-203, 2019.

SANTOS, A. N.; COSTA, J. M. Cangaço: mulheres e memória (1930-1940). **Em Tempos de Histórias**, n. 39, p. 428-440, jul./dez.. 2021.

SANTOS, Wilson Alvares dos. Cangaço: um movimento social. **Revista Caribeña de Ciências Sociales**, fev. 2018. Disponível em: <https://www.eumed.net/2/rev/caribe/2018/02/cangaco-movimento-social.html> 2018. Acesso em: 22 jun. 2022.

SHOPEE. **Maria Bonita, Sertão, Cangaceiros, Cangaço em Biscuit**. 2022. Disponível em: <https://shopee.com.br/Maria-Bonita-Sert%C3%A3o-Cangaceiros-Cangan%C3%A7o-em-Biscuit-i.516142052.11371324070>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, Gonçalo F. da. **Maria Bonita: A Eleita do Rei**. Rio de Janeiro: Acad. Bras. De Literatura de Cordel, reedição, 2000.

VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos Séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

WIESEBRON, Marianne L. Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional (Brasil) e internacional. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 24, n. 02, 1996.